

Mariana Lucioli

Quando as Estrelas Caem



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Mariana Lucioli

Quando as Estrelas Caem



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Mariana Lucioli, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bárbara Parente
Revisão: Natália Mori
Projeto gráfico e diagramação: Vivian Valli
Ilustração de capa: Lelezzis
Composição de capa: Beatriz Borges

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Lucioli, Marina
Quando as estrelas caem / Marina Lucioli. - São Paulo: Planeta do Brasil,
2023.
272 p.

ISBN 978-85-422-2292-0

1. Ficção brasileira I. Título

23-3339

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Nunca gostei da noite, mesmo sendo filha das estrelas. Há algo de aterrorizante na escuridão absoluta que me deixa com os nervos à flor da pele. Mas, por algum motivo, sempre amei as madrugadas ao lado de Pietro.

Seus braços estão ao redor da minha cintura, e minhas costas estão apoiadas em seu peito. Consigo sentir seu hálito quente em minha nuca, e a brisa fresca do mar aberto em meu rosto.

Estremeço suavemente, sentindo um arrepio viajar dos dedos dos meus pés até a ponta dos meus cabelos. Não pelo frio, mas sim pelo metal gelado da espada em minha garganta.

— Vocês podem escolher — o pirata ao meu lado diz. — Ou morrem pela faca...

Ele pressiona a arma contra minha pele, e um filete de sangue escorre até o meu decote. As mãos de Pietro em minha cintura me apertam mais forte, e sinto-o agitando-se de raiva atrás de mim. Inspiro fundo e me mantenho firme, com os olhos fixos no horizonte, para além da grande tábua de madeira à minha frente e do barco repleto de bucaneiros.

— Ou morrem pela prancha — ele continua.

O pirata aponta sua espada para a água, onde um grande crocodilo-marinho nos espera. As escamas rígidas reluzem à luz do luar, e a boca cheia de dentes me faz estremecer. Volto-me para o bucaneiro de rosto sujo e cheio de cicatrizes quando ele abre um sorriso, que se reflete em cada um dos membros de sua tripulação. Um murmúrio entusiasmado percorre os homens do deque, e Pietro finca as unhas em minha carne.

Mesmo assim, não estou com medo. Na verdade, estou eufórica. Conheço Pietro bem o bastante para saber que ele sempre tem uma carta na manga e, como sua dupla, preciso me preparar para sua próxima artimanha. Suprimo um sorriso e mordo os lábios, aguardando ansiosa a decisão dele.

— E então? — o pirata pergunta, piscando seu único olho funcional. O outro é apenas uma esfera branca e molenga. — Qual vai ser, pombinhos?

Pietro inspira fundo antes de responder por nós dois. Seu nariz roça em meu cabelo, e ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Pronta? — sussurra, e eu respondo com um leve e quase imperceptível aceno de cabeça.

A espada do corsário volta a beijar minha garganta, e Pietro me puxa mais para perto de si.

— Eu tenho uma ideia melhor — ele proclama.

Sua voz é grave e rouca, e me ilumina instantaneamente.

Pietro *sempre* tem uma ideia melhor e... Não, não é isso.

Ele sempre tem uma ideia *pior*, mas muito mais emocionante do que eu sequer poderia imaginar, e é por isso que as noites ao seu lado não parecem tão assustadoras assim. Pelo contrário, são tão eletrizantes quanto um choque, tão empolgantes quanto um livro de aventuras. A diferença é que nós somos os donos das histórias aqui. Escrevemos nossa jornada enquanto vivemos intensamente. Criamos um destino por meio de nossa vontade.

O pirata nos analisa de cima a baixo, e sussurros curiosos percorrem o navio. Consigo sentir a inquietação dos tripulantes em cada troca de olhares e em todo estalar de dedos. Eles não querem outra opção, querem se ver livres de Pietro e de mim o mais rápido possível. Mas o capitão não dá o braço a torcer.

Ele sorri e traça uma linha escarlate do meio da minha bochecha até a minha clavícula. Doloroso, sim, mas eu aguento. Pietro grunhe, e percebo que ele está se segurando muito para não agir antes da hora.

— Não gostou das suas opções, menininho? — O pirata se aproxima, emanando um bafo ácido de alho podre.

— Não as achei tão interessantes — Pietro responde, e eu nem tento esconder meu sorriso desta vez. — Que tal... subir?

O capitão não entende de primeira. Pisca uma, duas vezes. Confuso, e por descuido, abaixa um pouco a espada, liberando o restante do caminho para a prancha à nossa frente. Enquanto ele tenta compreender o que estamos tramando, levo minha mão lentamente a minha cintura e desamarro o laço de seda do meu saquinho de algodão cru.

— *Subir?* — o pirata pergunta.

— Subir! — Pietro reitera, animado. — Mas pra isso, primeiro nós precisamos descer.

Antes que os piratas possam nos impedir, Pietro agarra minha cintura e me ergue do chão, colocando-me deitada em seu colo. Ele toma um impulso e corre os últimos metros da tábua de madeira que nos sustenta acima do mar.

Em poucos segundos, não há mais nada sob nossos pés, apenas o mar e a queda livre.

E, é claro, um imenso e faminto crocodilo.

A descida é rápida, e o impacto do oceano no nosso corpo é um fresco gelado em meio à emoção do momento. Abro os olhos embaixo d'água apenas para encontrar duas fendas ofídicas e amareladas serpenteando em minha direção. Agito os braços contra o mar, e nado até a superfície.

Pietro emerge pouco depois de mim e se posta na minha frente, criando uma barreira humana entre mim e o grande réptil. Sorrio, achando graça. Não preciso de sua proteção, e ele sabe muito bem disso, mas o gesto ainda cria borboletas em meu estômago.

Quando o crocodilo está a apenas poucos metros de nós, galgando rapidamente pelas ondas agitadas, eu abro a minha mão cheia de pozinho mágico e jogo sobre nossas cabeças. A boca do animal se abre, aproximando-se cada vez mais do seu jantar, seus dentes afiados prontos para nos rasgar em pedaços.

Mas tão rápido quanto caímos, nós começamos a ascender.

O pozinho brilha ao nosso redor, cintilando como pequenos sóis na noite escura. Nossos corpos são içados da água. Ultrapassamos os canhões, o convés, os mastros, e mesmo assim continuamos a subir. Nem mesmo as bolas de chumbo que são atiradas contra nós são rápidas o bastante para nos alcançar.

Estamos voando para longe, bem longe dos piratas.

Os gritos atíçados dos bucaneiros se confundem com os berros animados de Pietro, e não consigo evitar unir minha voz à dele. A emoção se torna viciante, como fogo em minhas veias, e levanto os braços acima da cabeça, ordenando meu corpo a voar mais rápido, mais alto.

Ao meu lado, Pietro puxa minha mão e nos guia pelo firmamento, dando cambalhotas a torto e a direito, me roubando selinhos entre uma risada e outra. Seguimos assim, voando pela madrugada afora, até encontrarmos terra firme, uma ilhazinha de vegetação verde e vistosa, bem a tempo do amanhecer.

Pousamos com relutância e nos jogamos na areia, exaustos. Ofegantes, passamos alguns segundos tentando nos recuperar do mais recente sequestro – estes mesmos piratas estão sempre em nossos calcanhares, então sei muito bem que não será o último de nossas vidas – e deixamos a energia do momento se dissipar.

Pietro se vira para o meu lado e seus olhos verdes encontram o meu olhar atento. Ele pisca para mim e passa a mão pelos seus fios loiro-acastanhados, molhados pelo nosso mergulho.

— Não foi nada mal, não é?

Eu me aproximo, e repouso minha testa na sua, deixando apenas um dedo de distância entre nós.

— Você já teve saídas melhores, mas até que essa foi divertida.

Ele leva uma das mãos ao coração, abrindo a boca indignado.

— Não acredito — arfa. — Deixei você entediada.

Sorrio e levo meu dedo à sua bochecha, traçando padrões por sua pele branca-bronzeada.

— Não é pra tanto.

— Verdade — ele concorda. — É pra muito. Como posso me redimir?

Mordo os lábios e reviro os olhos.

— Se você insiste tanto, tenho algo muito agradável em mente.

Pietro encurta mais ainda a distância entre nós, e consigo senti-lo sorrindo sobre meus lábios.

— Acho que consigo adivinhar o que é isso...

O beijo de Pietro é lento, mas intenso. Sua língua explora cada canto da minha boca, e consigo sentir nossos corações batendo em sintonia. Ele mordisca meu lábio, e eu tremo em seus braços, gemendo baixinho.

Pietro tem gosto de saudade e paixão, e suas mãos buscam meu corpo para nos firmar à realidade.

Exceto que isto não é a vida real.

Aumento a velocidade do beijo, desesperada para nos manter ancorados a este momento. Levo minha mão ao seu cabelo, agarrando os fios loiros e inclinando sua cabeça para onde a quero.

Isso é um sonho, arquitetado por mim.

Pietro nos vira, e sinto seu peso em cima de mim, suas mãos ao lado da minha cabeça, apoiando seu corpo enquanto continua a me beijar. Passo minhas mãos pelo seu abdômen, trilhando caminhos sinuosos por seus músculos firmes.

Perdida em seus beijos, tento esquecer a verdade, mas é impossível.

Afinal, tudo aqui, desde o sol quentinho da aurora aos piratas, ao crocodilo e à areia fofinha, tudo no ambiente é criação minha.

Sou uma fada dos sonhos, isso é o que eu faço.

A única coisa que não controlo é Pietro. Não tenho como reger suas reações e muito menos suas emoções. Ele está me beijando de livre e espontânea vontade.

Passo minha língua sobre os lábios do humano, e sinto-o estremecer em resposta. Ele desvia a boca para o meu pescoço e beija o ponto mais sensível da minha garganta.

— Pietro... — eu sussurro, e sinto seu corpo vibrar com um grunhido rouco.

Esse momento é perfeito. É tudo que eu sempre quis. Mas não consigo me livrar da sensação congelante de que todo esse lugar está prestes a ruir, estilhaçando-se entre minhas mãos.

Porque a verdade, por mais certo que nós dois sejamos um para o outro, por mais certo que seja nós dois *juntos*, é que isso nunca poderia ter acontecido.

Isso não deveria *estar* acontecendo.

A verdade é que eu nunca deveria ter beijado meu humano, e a cada dia que passa fica mais difícil deixar de fazê-lo. As regras das fadas são claras quanto a isso.

O problema é que nunca dei a mínima para elas.



II

Fu não me lembro de um tempo quando não amava Pietro. Sempre estive perto dele, cuidando dele, tornando seus sonhos lugares agradáveis e aconchegantes.

Afinal, eu nasci para isso. Só existo por isso.

Como sua fada dos sonhos, preciso entender Pietro, de dentro para fora. Do que ele gosta? O que quer conhecer? Do que tem medo? Quais são seus maiores desejos? Preciso conhecê-lo como a palma da minha mão se quiser fazer meu trabalho bem-feito.

Quando ainda éramos crianças, eu não tinha experiência nem maturidade para desenvolver os sonhos elaborados que crio hoje em dia. Mãe Lua me enviou à Terra quando Pietro soltou sua primeira risadinha. Em termos humanos, eu nasci neste exato momento.

Fui instruída no Condado até que as Fadas Auxiliares me consideraram apta a criar os sonhos de Pietro sozinha. Antes disso, suas noites eram regadas de imagens sem sentido e histórias sem pé nem cabeça, os rascunhos de uma fada dos sonhos iniciante. Claro, sempre com a supervisão de uma Auxiliar.

Crescemos juntos. Aprendemos juntos. Sonhamos juntos.

Acabei criando um cantinho para mim em seu quarto, em vez de me instalar no Condado como as outras fadas. Um lugarzinho no meio de livros empoeirados, em uma estante muito amada. Tenho uma cama feita de pedaços de algodão, e uma banheira – ou uma conchinha do mar cheia de água da chuva, como você preferir chamar. Da minha casa, consigo ver tudo o que acontece no quarto de Pietro.

Para mim, o cômodo é enorme, mas já o ouvi dizer mais de uma vez que ele se sente apertado aqui dentro (acho que essa é a única vantagem de ser tão pequena, nunca me sinto sufocada). Não há muitos móveis, apenas a estante onde moro, uma escrivaninha, uma cama – sempre desarrumada – e uma mesinha de cabeceira, onde Pietro coloca seus óculos de armação redonda na hora de dormir.

Pela janela, consigo ver os campos de girassóis da vila, balançando com a brisa fresca da manhã. Uma trilha de terra batida corta a plantação em direção a casa e, ao longe, consigo ouvir o cantarolar das gaivotas. Bem diferente das ilhas paradisíacas que costumo criar para seus sonhos, mas, ainda assim, uma ilha muito bonita e aconchegante.

É uma aldeia monótona, mas agradável. Um bom lugar para se viver, seja você humano ou fada.

— É um péssimo lugar para se viver. — A voz grave de Pietro faz com que me levante da cama, espiando por entre os livros.

Seus cabelos estão bagunçados e precisando de um corte, suas roupas, sujas de terra. Sorrio. Não é incomum vê-lo desse jeito, parecendo um porquinho que rolou na lama. Pietro parece que está sempre procurando por encrencas.

— Não exagera, Pê — uma voz mais aguda se infiltra no quarto. — Aqui só não tem muita coisa pra fazer, não quer dizer que seja péssimo.

Pietro bufa enquanto seu fiel escudeiro se recosta na cabeceira. Apesar de ter a mesma quantidade de anos que o amigo – vinte longos invernos –, ele é um rapaz tímido e baixinho. Ao contrário de Pietro, Fabrizio está sempre arrumado, com seus cabelos ruivos cacheados muito bem penteados, e a pele negra clara sempre reluzente. Ou seja, o exato oposto do meu humano.

— Pois eu acho um saco — respondeu Pietro. — Não posso nem mesmo montar em um vaca que já recebo um sermão.

— Nunca vi ninguém montando uma vaca.

— É exatamente esse o ponto! — Pietro se exalta. — Eu poderia muito bem ser o primeiro.

Fabrizio estala a língua, deitando-se do outro lado da cama.

— Talvez você tenha razão, Pê, mas em parte. Esse lugar é péssimo, mas só pra você e sua mente agitada.

Rio, sentindo minhas asas balançando atrás de mim. Tenho que concordar com o garoto.

Pietro sempre foi mais curioso que as outras pessoas, mais questionador e sensível. Isso podia cansar os moradores da ilha muito mais depressa do que meu humano gostaria. Não tinham paciência para ele, muito menos para suas perguntas absurdas e estripulias imparáveis.

Assim como os humanos o excluem no dia a dia por não entenderem suas ideias malucas ou raciocínios fora da caixinha, as fadas me evitam igual gato evita água. Para elas, sempre fui uma esquisita. Nem humana, por mais que eu sempre tivesse desejado ser, nem fada, uma renegação da própria natureza.

Pietro é como eu. Um furacão na mesmice de um copo d'água.

Eu o conheço o bastante para saber que por trás de sua rebeldia existe um desejo ardente de conhecer algo além dos campos de flores em que sempre viveu. Afinal, eu conheço todos os seus sonhos. Eu *sou* os seus sonhos.

Meu humano se deita ao lado do amigo, mesmo sujo de barro. Torço o nariz. Só porque amo Pietro, isso não quer dizer que apoio sua falta de noção. O desleixo faz parte de seu charme, mas às vezes até ele passa dos limites.

Depois de ficarem o dia todo fora — procurando mais encrencas para se enfiar —, os dois se preparam para trocar o dia pela noite. Esta é a minha deixa.

Mais um cochilo, mais um sonho a se criar.

Eu me impulsiono para fora da estante, batendo minhas asas pelo ar. Não demoro muito para pousar na cabeceira, encarando mais de perto os dois amigos. Pietro cheira a álcool e, embora não seja o mais agradável dos aromas, eu o invejo. Sempre quis provar a cerveja da qual ele tanto fala, sentir na boca a espuma do colarinho se dissolver e ficar tão alegrinha quanto os bêbados das tavernas.

Mas é claro que não posso. Isso não é comida de fada.

Então, em vez de me concentrar no que eu não poderia ter, me concentro no que eu tenho no momento. Logo encontrarei Pietro em seu sonho. Isso eu sempre poderia aproveitar.

Antes que eu pudesse passar para o colchão, entretanto, o bafo quente de Pietro me desestabiliza, e o cheiro de álcool arde em minhas narinas mais forte do que nunca.

— Francamente — ralho. — Você podia ao menos ter passado uma água na boca.